



*Fundado no Sesquicentenário da  
Batalha do Seival*

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO  
GRANDE DO SUL

**Ano 2003 Bicentenário do Duque de Caxias Nº 20**

Este número de O Gaúcho destina-se a relatar o desenvolvimento da histórica Sessão da Academia de História Militar Terrestre do Brasil realizada no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre em 08 de julho de 2003.

**Inventário das atividades desenvolvidas:** Convite - Roteiro da Sessão - Leitura da Oração da AHIMTB - Hora da Saudade (Gen Rotta) - Síntese da AHIMTB – Texto do significado histórico de Duque de Caxias - Oração de Recepção ao novo Acadêmico – Palavras do novo Acadêmico sobre o Patrono da sua cadeira – Entrega de Diplomas, distintivos e Brasão – Agradecimento às entidades colaboradoras – Palavras finais – Lançamento dos livros e coquetel.

**COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE - ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE  
DO BRASIL - INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL**

## CONVITE

O CMPA, a AHIMTB e o IHTRGS têm a grata satisfação de convidar V. Excia e família para a sessão de posse como acadêmico na Cadeira nº 11 - General **Emílio Fernandes de Souza Docca**, do Professor Dr. **Flávio Camargo**, no **Salão Brasil** do CMPA, às 2000 h do dia 08 de julho de 2003, seguida do lançamento, no contexto das comemorações do Bicentenário do Duque de Caxias, patrono da AHIMTB, das seguintes obras, de autoria do historiador militar Coronel **Cláudio Moreira Bento**, Presidente da AHIMTB e do IHTRGS:

- Caxias e a Unidade Nacional;
- 2002 - Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário;
- História da Artilharia Divisionária da 6ª DE (AD/6) – AD Marechal Gastão de Orleans;
- A Educação Cívica e o Espírito Militar na visão do Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto. (As duas últimas com a parceria do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis).

Observações:

- 1) O estacionamento será no pátio interno do CMPA, orientado pelo 3º BPE e pela Guarda do Colégio Militar;
- 2) Será oferecido um coquetel aos presentes.

**Paulo César Monteiro Cabrita - TenCel**

Comandante do CMPA

**Luiz Ernani Caminha Giorgis**

Cel Delegado da AHIMTB/RS

(Delega cia Gen Rinaldo Pereira da Câmara)

Vice-Presidente do IHTRGS

## **ROTEIRO DA SESSÃO NO CMPA, 08 de Julho de 2003**

1. O Cel Araújo abre, agradece as presenças e anuncia o Cmt CMPA;

2. O Cmt do CMPA faz breve apresentação do Cel Bento e lhe passa as instalações para que ele presida a Sessão da AHIMTB;
3. O Cel Bento assume a Sessão e forma a Mesa com as autoridades;
4. O Cel Bento declara aberta a Sessão, declina a condição dos integrantes da mesa e informa sobre a finalidade da sessão;
5. O Cel Bento convida os presentes para o canto do Hino Nacional;
6. O Cel Bento convida o acadêmico Vet FEB José Conrado de Souza para proceder à leitura da Oração com a qual a AHIMTB inicia suas sessões;
7. Em hora da saudade, o Cel Bento reverencia a memória do falecido acadêmico Gen Div João Carlos Rotta;
8. O Cel Bento comunica que o histórico da AHIMTB consta ao final dos livros que serão lançados;
9. Evocação, pelo Cel Bento, da vida e obra do Duque de Caxias, patrono da Academia, em face do bicentenário em 2003;
10. Convite ao acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis a proceder a oração de recepção do novo acadêmico Professor Dr Flávio Camargo na cadeira nº 11, General Emílio Fernandes Souza Docca;
11. Convite ao novo Acadêmico Professor Dr Flávio Camargo a proceder o elogio de seu patrono, o General Souza Docca;
12. Leitura das sinopses dos livros sobre Caxias e Passo do Rosário;
13. Leitura dos nomes dos patrocinadores em Porto Alegre, pelo Cel Caminha e convite para que apanhem seu exemplar;
14. Agradecimentos aos colaboradores da montagem do evento (Cel Caminha);
15. Diplomação e entrega de insígnias:
  - a) Dr. Flávio Camargo: Diploma e Insígnia;
  - b) Cmt do CMPA Cel Paulo César Monteiro Cabrita: Diploma de Colaborador Emérito da AHIMTB;
  - c) Dr. Eduardo Muller: Diploma de Colaborador Emérito da AHIMTB;
16. Convite aos presentes a adquirirem os livros Caxias e a Unidade Nacional e 2002 - Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário e para o coquetel;
17. Convite a uma das autoridades presentes para proceder a leitura das palavras finais alusivas à histórica sessão; (Leitura feita pelo Cel Caminha).
18. O Cel Bento convida o Presidente de Honra da sessão que a encerre; (Foi o Gen Décio Barbosa Machado).

## **HORA DA SAUDADE**

### **Recordando o falecido acadêmico General João Carlos Rotta**

Como é da tradição acadêmica, hoje nos toca evocar com saudades a ausência entre nós do amigo e acadêmico General João Carlos Rotta, que inaugurou a cadeira nº40, General Valentim Benício, neste histórico Salão Brasil do Casarão da Várzea em 26 de março de 1999 quando foi recebido pelo hoje acadêmico emérito Veterano da FEB José Conrado de Souza.

Casarão da Várzea onde o General Rotta iniciou sua carreira militar como aluno da Escola Preparatória de Cadetes e aqui a encerrou, orgulhoso, em concorrida cerimônia na qualidade de Comandante da 3ª Região Militar.

Muito ligado aos estudos de História, formou-se em Geografia e História pela Universidade do Paraná. Recordo que por ocasião de uma festa em Brasília, comemorativa do Dia da Engenharia, presente o Ministro do Exército General Coutinho, recebemos a incumbência de produzir um alusivo sobre o nosso patrono. E indicamos para interpretá-lo o então Major Rotta, o que ele fez com sucesso, valorizando o nosso texto. Como comandante da 6ª Região Militar o auxiliamos na pesquisa que terminou por consagrar como denominação histórica daquela Região a figura do heróico porto-alegrense

Marechal José Thomas da Cantuária, artilheiro da Retirada da Laguna, consolidador da Paz de Pelotas em 1895 e o 1o Chefe do Estado-Maior do Exército.

Profissional militar de alto gabarito, o General Rotta sempre teve visão antecipada para os problemas enunciados no hoje Objetivo Atual nº 1 do Exército:

**Pesquisar, preservar, cultivar e divulgar a história, as Tradições e os valores morais, culturais e históricos do Exército.**

Assim foi que nos convidou em 1994 para escrevermos a História da 3ª Região, fato que daria origem ao Projeto em curso, História do Exército na Região Sul, hoje com oito volumes publicados e mais o da AD/6, a ser lançado hoje aqui. Está em curso a História da 2ª Bda C Mec, a da 5ª RM/5ª DE e a do Casarão da Várzea, ora retomado pelo Cel Cabrita, comandante do Colégio Militar.

Em Salvador o Gen Rotta restaurou os fortes Monte Serrat e São Diogo, e preservou as ruínas do Forte Santo Alberto.

Aqui na 3ª Região Militar iniciou a implantação do Museu do Exército de Porto Alegre e promoveu a restauração dos históricos prédios deste Casarão da Várzea, do Conjunto arquitetônico do Velho Quartel General e outros, como os do Antigo Arsenal de Guerra.

Desenvolveu expressivo estímulo para que o Próprio Nacional da Avenida João Pessoa, 567 se transformasse num Centro de Cultura e Biblioteca, nele abrigando a sede da ANVFEB - Porto Alegre, a Delegacia Gen Rinaldo Pereira Câmara da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, a Liga da Defesa Nacional e o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, este muito ligado ao culto das tradições militares gaúchas.

Na Reserva, o nosso destacado acadêmico como Historiador desenvolveu a Memória da FEB na Região Sul e o Projeto Memória da Contra Revolução de 1964, atividade que, mesmo muito doente, dispensava desvelada atenção, para o concluir.

Seu amigo, o acadêmico Vet FEB José Conrado de Souza, ao recebê-lo em nome da AHIMTB assim se referiu: *O General Rotta, de estilo literário correto e deslizando, revela humor sadio e cativante. O que temos lido de sua lavra, nos tem encantado, e por aí podemos deduzir que teremos na Academia de História Militar um colaborador de estilo lírico e envolvente.*

E neste relato Hora da Saudade do acadêmico General João Carlos Rotta deixamos registrada a relevante contribuição, antes de nos deixar, para maior glória e verdade de nossa História Militar Terrestre do Brasil, onde ele ocupará lugar contemporâneo de destaque.

General Rotta, nossas imensas Saudades pelo grande acadêmico que foi. E a Academia espera imortalizá-lo, dentro do princípio de que "O homem é eterno enquanto sua obra permanecer e for lembrada."

**Cel Cláudio Moreira Bento** - Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil  
Colégio Militar de Porto Alegre, 08 Jul 2003

### **SÍNTESE DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL**

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada há sete anos em Resende, a Cidade dos Cadetes, em 1o de março/1996. Tem por fim desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares, Guarda Nacional, Voluntários da Pátria e de outras forças que as antecederam, desde o Descobrimento.

Com sede em Resende, em dependência da AMAN, mas de amplitude nacional, tem como patrono o **Duque de Caxias** e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, e por vezes também ilustres chefes militares como os marechais **José Pessoa, Leitão de Carvalho, Tasso Fragoso, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco** e o **Gen Aurélio de Lyra Tavares**. Foram consagrados em vida alguns patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil. Figuram como patronos civis o **Barão do Rio Branco, Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, Gustavo Barroso, Pedro Calmon** e **José Antônio de Mello Neto**, pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A Academia tem como 1o presidente de Honra o Comandante do Exército, 2º Presidente de Honra o chefe do DEP, 3º Presidente de Honra o comandante da AMAN e 4º Presidente de Honra o Presidente da AEDB.

A Academia possui como órgão de divulgação o Informativo **O GUARARAPES**, que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica, por gerador da perspectiva e identidade históricas das **Forças Terrestres do Brasil** e, principalmente pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa através de vários sites, em especial do site <http://www.resenet.com.br/users/ahimtb>, já com cerca de 19.000 visitas e onde implantou vários livros e artigos como **As batalhas dos Guararapes**, relacionadas com o Dia do Exército e **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, recém reeditado pelo EME. Em Resende, divulga seus trabalhos no link Caserna do Portal Agulhas Negras.

A Academia desenvolve História militar **crítica** e não **descritiva**, em duas dimensões:

A **1ª**, a clássica, como instrumento de aprendizagem da Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas, etc.

A **2ª**, com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que colocados à disposição das lideranças civis, da OEA e da ONU, estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Brasileira.

A Academia vem dando especial atenção à Juventude masculina e feminina que estuda no sistema de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e as atuais de historiadores militares terrestres e soldados terrestres, além de tentar despertar no turbilhão da hora presente, no insondável 3º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e sobretudo estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação!

É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e a perspectiva histórica das mesmas e, além disso, as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas, o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio.

No desempenho de sua proposta realizou nos últimos sete anos sessões solenes junto à juventude militar brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias Militares, que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, em dependência cedida pela AMAN.

Complementarmente procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos, com o apoio na análise racional e não passional de fontes históricas, íntegras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós feitas por historicistas, fruto das mais variadas paixões, fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios e já possui em Brasília, no CMB, a Delegacia Marechal José Pessoa; em Porto Alegre no CMPA, a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara; em Fortaleza, no CMF, a Delegacia Cel José Aurélio Câmara; no Rio de Janeiro, no IME, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos. Em Curitiba, no CMC, a Delegacia Gen Luiz Carlos Pereira Tourinho, em Campinas a Delegacia Marechal Mário Travassos, em Caxias do Sul, no Grupo Conde de Caxias, a Delegacia Gen Morivalde Fagundes e em Pelotas, no 9º BI Motorizado, a Delegacia Fernando Luiz Osório. Em São Paulo está tratando de fundar a Delegacia Gen Bertoldo Klinger e em Belo Horizonte a Delegacia Gen Antonio de Souza Junior. Em outros locais estabelece sócios correspondentes e em São Paulo, na Polícia Militar, a Delegacia Cel Pedro Dias de Campos, na qual é cultuada a memória do Gen Miguel Costa, o comandante da Grande Marcha que passou a História, por manipulação ideológica bem sucedida, de Coluna Prestes.

A Academia em seus sete anos de atuação se orgulha das realizações concretizadas e ressalta os seguintes trabalhos em curso:

O desenvolvimento do Projeto História do Exército na Região Sul. Já publicou a História da 3ª RM em 3v, a do CMS, a da 6ª Divisão de Exército, a da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, a da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, a da 6ª Brigada de Infantaria Blindada e a da Artilharia Divisionária da 6ª DE. E já pesquisa a História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. Esta última prevista para este ano. E tem consciência da importância desta contribuição, não sabendo se é avaliada em sua real projeção.

Já desenvolveu para a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, para seu projeto de ensino a distância os compêndios integrados: Brasil, Lutas Externas 1500-1945 e Brasil Lutas Internas até nossos dias. E neste já concluiu e lançará **Amazônia Brasileira – a conquista, a consolidação e a manutenção - História militar terrestre da Amazônia, 1616-2003**, que aborda as lutas internas e externas que a envolveram.

Tudo na tentativa de ajudar a melhor orientar o esforço de defesa daquela estratégica área no insondável 3º Milênio.

Lançará hoje aqui as obras **Caxias e a Unidade Nacional**, comemorativa do bicentenário de seu patrono e também o do Exército e **2002-175 anos da Batalha do Passo do Rosário**, ilustrada com mapas coloridos didáticos e mais **História Militar de Resende, 1744-2003**.

Eis, senhores e senhoras, uma síntese do perfil da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e de suas vitórias, sem mencionar o valioso acervo que reuniu em seu modestíssimo e já lotado Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil onde em paralelo possui valioso acervo bibliográfico sobre as histórias da AMAN, de Resende e de Itatiaia.

## **SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS, O PATRONO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB)**

**Cláudio Moreira Bento - Acadêmico Emérito Presidente da AHIMTB**

Hoje, quando a novela **A Casa das sete mulheres**, num misto de pouca História e muita fantasia, trouxe à baila em escala nacional e popular a Revolução Farroupilha, no ano do Bicentenário do Duque de Caxias, o seu pacificador, também patrono do Exército Brasileiro e de nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil; ano também em que em Porto Alegre a RBS, em seu programa **A Ferro e Fogo**, em 26Mar, sobre a Revolução Farroupilha, potencializou calúnia histórica transitada em julgado contra Caxias, como envolvido numa falsa trama com os líderes farrapos, visando eliminar os infantes e lanceiros negros farrapos, torna-se oportuno evocar a sua significação histórica aqui no Rio Grande do Sul onde ele terminou de pacificar a Família Brasileira em Ponche Verde, Dom Pedrito. Caxias presidiu a Província duas vezes, foi eleito seu senador vitalício por cerca de 30 anos, deixou em P. Alegre marcas até hoje visíveis como a Ponte dos Açorianos e lançou as raízes do magnífico edifício educacional do Rio Grande do Sul, com a inauguração do Liceu D. Afonso em 1º Fev 1846, além de outras iniciativas que abordamos na obra *Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias*, editado em 1989 pelo Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias (EGGCF).

Mas hoje o Duque de Caxias tem sido alvo alternado, ora de silêncios ora de deformações de sua real imagem, ou de contaminantes indiferenças em locais e instituições que por vezes se limitam a cultuar sua imagem de maneira mecânica sem aprofundarem e captarem o real sentido e as preciosas lições de sua vida e obra. E tudo em contraposição aos conceitos que até poucos anos atrás dele emitiam o Povo, a Imprensa, estadistas, chefes militares notáveis, pensadores, escritores e historiadores militares e civis que o definiam como: Filho Querido da Vitória; O Pacificador; General Invicto; Condestável; Escora, Esteio e Espada do Império do Brasil; Duque de Ferro e da Vitória; Nume e Espírito Tutelar do Brasil; Símbolo da Nacionalidade; o Maior Soldado do Brasil; o maior dos generais sul-americanos; Alma Militar do Brasil; Herói tranquilo e perfeito; etc.

Sua obra monumental de Pacificador de quatro lutas internas, e mais, as suas modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na Guerra do Paraguai o credenciam a figurar, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Terrestre Mundial.

Sua eleição incontestada para patrono do Exército o foi no sentido como a definiu Pedro Calmon:

*“Como o chefe integral do Exército, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nele deve vibrar, e a síntese mágica das virtudes e brios de que ele deve estar imbuído”.*

Sua elevação ao patronato do Exército se deveu fundamentalmente a haver vencido seis campanhas militares (quatro internas e duas externas), além de haver dirigido o Exército de forma marcante e muito fecunda, como Ministro da Guerra, em três oportunidades (1855/58, 1861/62 e 1875/78), cumulativamente com a Chefia do Governo do Brasil, na condição de Presidente do Conselho de Ministros.

Caxias foi o 1º Porta-Bandeira do Pavilhão Nacional, tão logo proclamada a Independência, em solene cerimônia realizada a 10Nov1822 na Capela Imperial, quando o recebeu das mãos do próprio Imperador. E ninguém mais do que ele glorificaria a Bandeira do Império que ele ali recebia.

Profissional militar de altíssimo gabarito, sempre sonhou com o Exército Brasileiro possuir uma Doutrina Militar genuína. Sonho que expressou em 1862, ao baixar as Ordenanças do Exército Imperial do Brasil, calcada em adaptações das Ordenanças de Portugal às realidades operacionais do Brasil. Realidades operacionais que vivenciara em cinco campanhas militares, nas quais lhe coube comandar e conduzir à vitória o Exército Brasileiro, mas com a ressalva: **“até que o nosso Exército possua uma Tática (Doutrina) genuinamente nossa”**. Mais um pioneirismo seu!

Como Ministro da Guerra entre suas muitas grandes realizações: a Escola Militar da Praia Vermelha, no local onde hoje se acha a praia entre a ECEME e o IME e que formou as gerações de oficiais que fizeram a guerra do Paraguai, como o General Tibúrcio, que hoje dá o nome a aquela praça. E a reforma do QG do Exército, em local hoje onde se situa o Panteon com sua estátua eqüestre, que abriga em seu interior os seus restos mortais e os de sua esposa, além de outras marcantes, como o primeiro Regulamento Disciplinar do Exército (1875).

Como cidadão, sua culminância foi pacificar a Família Brasileira em Ponche Verde, Dom Pedrito atual, em 1º Mar 1845 e onde se consagrou pioneiro abolicionista ao assegurar, a despeito de fortíssimas pressões de escravocratas, a Liberdade para os lanceiros negros farrapos, incorporando-os ao Exército, como livres, na Cavalaria Ligeira do Rio Grande. Na Revolução Farrroupilha, que por quase 10 anos assolou o Rio Grande do Sul, segundo Pedro Calmon:

*“O Barão de Caxias venceu sobretudo por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, pois é antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações, para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepôs a olhos fraticidas a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu ao gênio de guerreiro consumado a generosidade clemente e aliciadora”.*

Ao pedido de um áulico para que se festejasse a vitória com um Te Deum na igreja São Sebastião em Bagé, optou por uma missa em “sufrágio das almas dos mortos imperiais e republicanos que haviam tombado em defesa de suas verdades”, entre os quais encontrava-se seu tio general João Manuel de Lima e Silva, que fora consagrado pelos farrapos como o seu primeiro general. A grandeza desta tolerância, a serviço da preservação da Unidade da Família Nacional, fez com que os gaúchos o consagrassem como o seu presidente e a seguir como seu senador vitalício por 30 anos, a partir de 1845.

Como líder de batalha, o seu grande feito estratégico foi a modelar Manobra de Flanco da posição fortificada de Piquiciri, através do Chaco, onde correu Risco Calculado, ao sacrificar o Princípio de Guerra da Segurança, em benefício do da Supresa que ele obteve a nível estratégico, ao desembarcar, de surpresa, na retaguarda profunda do adversário em Santo Antônio, abreviando em muito a duração do conflito e poupando assim recursos de toda a ordem e vidas humanas de irmãos brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios, envolvidos no maior conflito até hoje ocorrido na América do Sul e o primeiro com características de Guerra Total entre nações.

Como líder de combate seu maior momento foi na conquista da ponte de Itororó. Ao perceber que o seu Exército poderia ali ser detido, desembainhou sua invencível espada de cinco campanhas, brandiu-a ao vento, voltou-se decidido e convincente para seus liderados e apelou com energia com o brado **“Sigam-me os que forem brasileiros!”** Ato contínuo lançou-se sobre a ponte de Itororó com o

seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo e arrastando atrás de si todo o Exército detido, para, em seguida, colher expressiva vitória tática que removeu obstáculo que quase havia colocado em perigo toda a sua brilhante manobra estratégica através do Chaco.

Sua derradeira ação pacificadora foi a de pacificar a Questão Religiosa, ou Episcopo-Maçônica, defendendo e obtendo êxito na assinatura pelo Imperador do decreto de no 5093, de 17 set 1875, que anistiou os bispos.

Caxias nasceu em 25 Ago 1803 no local do atual Parque Histórico Duque de Caxias do município de Duque de Caxias-RJ, que recebeu o nome de seu título por ele ali haver nascido. Faleceu em 7 Mai 1880, aos 77 anos, na Fazenda de Santa Mônica, em Juparanã- Valença -RJ, à vista do rio Paraíba do Sul e onde se recolhera e passara os dois últimos anos de sua vida, viúvo e aos cuidados de sua filha mais velha, a Baronesa de Santa Mônica. Segundo sua vontade expressa em testamento, foi transportado ao túmulo no Rio de Janeiro por soldados de bom comportamento, cujos nomes foram imortalizados em pedestal de seu busto em passadiço do Conjunto Principal antigo da AMAN.

Falou junto à sua sepultura, interpretando os sentimentos do Exército Brasileiro, o já consagrado escritor e historiador Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, que assim concluiu a sua antológica oração:

*“Só a maior concisão, unida à maior singeleza é que poderá contar os seus feitos! Não há pompas de linguagem! Não há arroubos de eloquência capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza”.*

Capistrano de Abreu, grande historiador do Brasil, assim interpretou os sentimentos do Exército Brasileiro ao saber que o Duque de Caxias havia dispensado as honras militares:

*“O Duque de Caxias dispensou as honras militares! Acho que ele fez muito bem! Pois as armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, talvez sentissem vergonha de não terem podido libertá-lo da morte!”*

O Duque de Caxias sublimou as Virtudes Militares de Coragem, Abnegação, Honra Militar, Devotamento e Bravura. O Exército manifestou-se oficialmente em Ordem do Dia alusiva ao seu falecimento concluindo suas considerações elogiosas com esta afirmação:

*“Se houve quem prestasse serviços excepcionais ao Brasil foi o Duque de Caxias. Se houve quem menos os fizesse valer foi o Duque de Caxias!”*

Desde 1931 os cadetes do Exército portam como arma privativa o Espadim de Caxias, cópia fiel em escala do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias.

Em 1º Mar 1996, há sete anos, fundamos em Resende - RJ, a Cidade dos Cadetes - a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que elegeu o Duque de Caxias como o seu patrono e o seu invicto sabre como símbolo em seu brasão, por ser a mais representativa espada do Brasil. Academia de História Militar Terrestre do Brasil que, com diversas sessões solenes pelo Brasil, como esta, de posses como a do acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira e do seu 2º presidente de Honta Gen Ex Conforto, Chefe do DEP, abriu as comemorações do bicentenário do Duque de Caxias. Sessões que são marcadas pelo lançamento do livro editado pela AHIMTB **Caxias e a Unidade Nacional**, patrocinado por subscrição popular de membros e amigos da nossa Academia de História e admiradores de Caxias, e como conclusão de um projeto por nós iniciado na AMAN em 1980, quando ela sediou a cerimônia nacional oficial evocativa do centenário da morte do Duque de Caxias, presidida pelo Presidente da República General João Figueiredo. Evento documentado pela **Revista Agulhas Negras/1980**.

Colégio Militar de Porto Alegre, 8 Jul 2003

### **ORAÇÃO DE RECEPÇÃO AO NOVO ACADÊMICO PROF. FLÁVIO CAMARGO**

Flávio Camargo nasceu na cidade de Alegrete, RS, em 03 de agosto de 1966. Filho de Léo Pereira de Camargo e Irene Oliveira de Camargo, concluiu sua graduação universitária e o seu curso de mestrado em agronomia em 1992, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O seu doutoramento em Ciência do Solo foi feito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e concluído

em 1996. Além desses cursos tem especialização em biotecnologia, realizado na Universidade Federal de Uberlândia e Pós-Doutorado em Ciências Ambientais pela Universidade da Califórnia.

Em 1995 prestou concurso para o cargo de professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ocupou os cargos de Coordenador Adjunto do Curso de Pós-Graduação em Microbiologia Ambiental e do Curso de Graduação em Agronomia da UFRGS. Publicou no país e no exterior, mais de 100 trabalhos científicos na sua área de pesquisa, entre livros, capítulos de livros, artigos científicos, boletins, etc. Recebeu seis prêmios científicos em reconhecimento ao seu estudo na área de bioquímica aplicada ao ambiente.

Em 2000, foi agraciado com o Diploma e Insígnia de Colaborador Emérito do Exército Brasileiro, pelo Comando Militar do Sul e com a Medalha da Vitória, pela Associação Nacional dos Ex-Combatentes da FEB em reconhecimento à sua atuação junto ao 3º Batalhão de Polícia do Exército. Recentemente, foi agraciado com a Medalha Sangue dos Heróis, também concedida pela Associação Nacional dos Ex-Combatentes da FEB, seção Nova Iguaçu.

Grande admirador de história militar, começou seu estudo e acervo voltado para as guerras napoleônicas e para a guerra civil americana, dada a quantidade e a facilidade de aquisição de materiais publicados.

Entretanto, em 1999, adquiriu o livro intitulado “Dicionário das Batalhas Brasileiras” do acadêmico Hernani Donato, onde tomou conhecimento dos vários conflitos, tanto internos como externos, em que o Brasil esteve envolvido. A partir dessa leitura, começou a se interessar especificamente por nossas batalhas e numa biblioteca da Universidade da Califórnia teve acesso ao livro “As Batalhas dos Guararapes” do Cel Cláudio Moreira Bento. Entrou em contato com este autor através da internet, como correspondente no exterior, e desde então tem atuado como membro efetivo da AHIMTB.

Seu currículo cultural iniciou com a editoração da Revista da PE, comemorativa aos 50 anos do 3º BPE, em parceria com seu irmão Sgt Sandro Camargo, seguido de um livro intitulado “A Polícia do Exército Brasileiro” organizado com o acadêmico Gen Domingos Ventura Pinto Jr. Recentemente, teve um artigo publicado na Revista do Exército Brasileiro, além de ter escrito prefácios, abas e oração de apresentação de acadêmico. Sua maior contribuição à história militar brasileira tem sido a editoração de obras como “A conquista de Monte Castello-La Serra, de autoria do Gen Ventura e do Cel Dinoá Medeiros, Caxias e a Unidade Nacional, 2002-175 anos da Batalha do Passo do Rosário, Amazônia brasileira-Conquista, consolidação e manutenção entre outros, de autoria do Cel Cláudio Moreira Bento.

Seu currículo cultural é ainda modesto, mas alimenta um sonho de produzir um atlas histórico militar de nossas batalhas, com o objetivo de divulgar para o público civil o nosso envolvimento em conflitos que moldaram as nossas fronteiras e definiram os esteios da nossa nação. Trata-se de resgatar para a atualidade, em linguagem acessível e de apresentação visual interessante, o espírito de brasilidade, há muito tempo esquecido nas nossas escolas. Para isso, contando com o apoio da AHIMTB, reuniu um pequeno acervo e já está começando a concretizar o seu sonho. Ao novo acadêmico, o nosso desejo de sucesso no seu empreendimento e que seja bem-vindo a este grupo de historiadores-sonhadores.

**Luiz Ernani Caminha Giorgis - Cel Delegado da AHIMTB/RS**

#### **ELOGIO AO GEN SOUZA DOCCA - PROF. FLÁVIO CAMARGO**

Senhor Presidente, componentes da mesa já nominados, senhores acadêmicos, senhoras e senhores, boa noite!

Emílio Fernandes de Souza Docca nasceu em São Borja em 1884 e órfão de um veterano da guerra do Paraguai, começou sua vida cheia de dificuldades e de privações. No ambiente em que viviam sua mãe e seus irmãos, o Exército surgiu como uma perspectiva de futuro e um meio de amenizar estas dificuldades. Aos 15 anos iniciou como soldado no 6º Batalhão de Infantaria de São Borja e no mesmo ano foi promovido a anseçada, cabo e furriel, tudo no mês de maio. No ano seguinte a 2º sargento e assim foi de posto em posto até chegar ao generalato em 1941.

Como militar, Souza Docca atingiu o mais alto degrau de seu quadro, e segundo as palavras do seu biógrafo, o Cel Mário Calvet Fagundes: *“Foi o chefe admirado e respeitado, pelas virtudes de caráter, de inteligência e de coração, sempre presentes em todos os seus atos, numa harmonia ideal, cuja resultante foi o homem capaz e oportuno que as situações da existência o exigiam”*.

Como escritor, o sargento Docca começa na poesia e suas primeiras publicações surgem em jornais de São Borja e Uruguaiana. Como um jovem historiador, Souza Docca busca na história formas de *“descobri-la e eliminar-lhe as impurezas do toque da crítica para que se engaste de verdade”*. Este lema seria seu companheiro para o resto de sua vida e com este espírito, o sargento Docca vai dando a sua interpretação da história com o objetivo de *“destruir ídolos falsos e restabelecer a fase eurística da história, na consulta documental dos arquivos”*.

Com a pretensão natural de todo jovem, o sargento Docca surpreende a oficialidade dos editores da Revista dos Militares com uma carta e um estudo intitulado: A Batalha de Tuiuti. Esta quebra disciplinar foi justificada da seguinte forma por Aurélio Porto: *“Um trabalho conciso, simples e envolto em conceitos que já revelavam um pensador, destruindo erros e restabelecendo a verdade, fatos esses que honravam as exigências da história militar e devia ser publicado”*.

Começa assim o jovem historiador a definir o seu estilo e partir para a sua cruzada em busca da verdade. Já como tenente, publica em 1919, seu primeiro livro sobre as origens do maior conflito sul-americano, intitulado *“Causas da Guerra do Paraguai”*, onde aponta seus autores e responsáveis com base na pesquisa minuciosa e profunda de documentos e arquivos. A interpretação da história com base documental é a sua forma de trabalho e a faz de forma tão intensa que esta seria a sua marca como historiador. A obra de Souza Docca é vastíssima e pode ser agrupada em vários assuntos. Sua base de historiador está expressa no seu *Estudo da História* e a *História à luz da Filosofia*, onde discorre sobre a epistemologia da história.

Em relação aos nossos vizinhos, Souza Docca escreveu sobre as *Causas da Guerra do Paraguai, A convenção preliminar de 1828, O Brasil no Prata, A missão Ponsonby e a independência do Uruguai e Limites entre Brasil e o Uruguai*. Seus trabalhos sobre o Brasil também são voltados para o momento da época às vésperas da 2ª Guerra mundial, onde apresenta suas preocupações como cidadão:

*As forças Armadas na formação e defesa da nacionalidade, A estatística e a defesa nacional, O esforço de Guerra do Brasil, A questão militar e Paz na América*. Para o seu estado natal se dedicou com um maior volume de trabalho, onde pode-se destacar a sua *História do Rio Grande do Sul*, entre outros, como: *Capitania de São Pedro, Gente Sul-Riograndense, Bicentenário da colonização de Porto Alegre e vocábulos indígenas na geografia Rio-Grandense*. Sua maior contribuição para a história gaúcha foram as suas obras dedicadas à revolução farroupilha, citando-se entre elas *Ideologia federativa na cruzada farroupilha, Sentido brasileiro da revolução farroupilha, O porque da brasilidade farroupilha e os italianos na revolução farroupilha*. Como todo bom historiador, também prestou homenagens a grandes vultos da nossa história, onde destacam-se os trabalhos sobre a Vida do Marechal José Antônio Corrêa da Câmara, Ensaio psicológico do Marechal Bento Manuel Ribeiro, Caxias, e de outros vultos com os títulos de: Marquês de Barabacena, Visconde de Taunay, Osório, Deodoro, Floriano Peixoto, Hilário Ribeiro, Getúlio Vargas, Rocha Pombo e Alcides Maia.

Sua obra representa um esforço hercúleo para revelar a verdade absoluta dos fatos, imparcial, isenta de interesses e sem pré-concepção. A sua compreensão e o seu julgamento da história é que fizeram da obra de Souza Docca um referencial para a história brasileira e o tornaram um historiador imprescindível para a reconstituição do nosso passado.

Como intelectual, a expressão do pensamento do Gen Souza Docca foi reconhecida por instituições as quais pertencia como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, do qual foi fundador ainda como tenente, a Federação das Academias de Letras do Brasil, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Filosofia, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, o Instituto Duque de Caxias, o Instituto de Geografia e de História Militar do Brasil, a Junta Nacional de Montevideo, a American Geographical Society, os Institutos

Histórico e Geográfico do Ceará, Paraná, Pernambuco, São Paulo e Bahia e o Centro de Estudos Históricos do Rio Grande do Sul.

A história foi companheira do Gen Souza Docca e as circunstâncias do seu tempo foram o epílogo trágico de sua vida. Depois de atingir o máximo na sua carreira militar, o historiador, como um reles morto l e instigado por amigos, começa a sonhar com a honraria máxima de um escritor: a imortalidade da Academia Brasileira de Letras. Com receio do fracasso, não se candidata a vaga de Alcides Maia, e esta não é preenchida. Achava incerta a vitória de quem se inscreve sem combinações prévias e seguras, entre um número de acadêmicos, capaz de garantir a eleição. Seus receios continuam e seus amigos e admiradores insistem com o velho general até que este, contrariando-se a si próprio, se candidata na segunda chamada.

O escrutínio que deveria escolher o novo imortal da cadeira de Alcides Maia se transforma em vários escrutíneos constrangedores, confirmando os receios de Souza Docca que dizia: *“O meu receio pelo fracasso em de mérito simplesmente individual, mas sobretudo, pelo meu posto é a repercussão desagradável que cria entre os meus colegas; cumpre-me, acima de tudo, salvaguardar o prestígio do general, especialmente tratando-se de um general de Serviço, que deve ficar a coberto, em tudo e por tudo, de qualquer demérito”*.

A angústia da espera por longos dias nos quais a academia não se decidia por sua candidatura e a tortura moral que um fracasso pudesse envolver o nome de um general estavam lhe corroendo os pensamentos. Sem saber que havia sido envolvido por uma conspiração de acadêmicos para atingir o Exército e o são borgense Getúlio Vargas, no quarto dia angustiante de espera, ao sair pela manhã para as suas obrigações profissionais comentou:

*“Hoje não poderei trabalhar!”* Envolto pela culpa de ter almejado a imortalidade, contra a retidão do seu caráter e das suas convicções não resiste a espera e morre fulminantemente. Numa simples decisão, a academia negou-lhe o prêmio justo da tranqüilidade nos instantes finais de uma honrada e produtiva vida.

A riqueza da obra do Gen Souza Docca, a sua interpretação da história e em última análise, a sua verdade, é o legado magnífico que o tornam mais que um imortal, pois o coloca no Olimpo da história brasileira e universal. A sua vida é um exemplo de abnegação, decência, honestidade e de intelectualidade, que se refletem na sua obra. Deste modo, sinto-me extremamente honrado pela indicação da Academia para ocupar a Cadeira Nº 11, cujo patrono é o Gen EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA, ao mesmo tempo que me sinto tão pequeno diante de tão soberbo espírito e de tão grande responsabilidade. Agradeço ao Colegiado da Academia e em especial ao seu presidente, o Cel Cláudio Moreira Bento, que apostam pela segunda vez num civil para ocupar uma cadeira da Academia História Militar Terrestre do Brasil. Muito Obrigado.

### **Empresas e Unidades Militares que colaboraram com o evento**

As seguintes unidades militares e empresas civis colaboraram com a AHIMTB/IHTRGS para a montagem e realização do evento: Comando da 3ª Região Militar – Comando da Artilharia Divisionária da 6ª DE (AD/6) - 3º Batalhão de Suprimento – Caixa de Pecúlio dos Militares (Capemi) – Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército (GBOEx) – Promoarte Comunicação Gráfica Ltda. – San Marino veículos (Fiat e Alfa Romeo).

### **PALAVRAS FINAIS DO PRESIDENTE DA AHIMTB NO CMPA EM 8 JUL 2003**

**Cel Cláudio Moreira Bento - Acadêmico Emérito e Presidente da AHIMTB**

Hoje, decorridos sete anos de fundada em Resende, a Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) realiza a sua 3ª sessão, neste Salão Brasil do CMPA, histórico celeiro de futuras lideranças militares e civis brasileiras, nos primeiros anos do insondável 3º Milênio e que acolhe e abriga em suas instalações a Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, antigo comandante deste Casarão inaugurado por seu avô, o Marechal Câmara, do qual ele é biógrafo.

Sessão comemorativa pela AHIMTB, em seu âmbito, em Porto Alegre, do bicentenário do Duque de Caxias, seu patrono, e marcada pela evocação de sua vida e obra por nós levada a efeito, bem com

a evocação do seu falecido acadêmico, o General João Carlos Rotta, pela posse como acadêmico do Professor Dr. Flávio Camargo e ainda pela leitura das sinopses sintéticas das obras principais que hoje aqui serão lançadas **Caxias e a Unidade Nacional e 2002-Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário**.

Hoje foi aqui apresentado um conjunto precioso de conhecimentos históricos que esperamos reforcem em seus assistentes a identidade e a perspectiva profissional. E aqui desfilaram os perfis históricos do Duque de Caxias, patrono da AHIMTB, do acadêmico Professor Flávio Camargo, do seu patrono o General Souza Docca e reverenciada a memória do falecido acadêmico Gen Rotta, ao qual se deve a iniciativa do importante Projeto História do Exército na Região Sul, hoje com 9 volumes editados, além de acabar de coordenar na Região Sul o projeto já publicado Memória da FEB e de concluir no Sul o projeto **Memória da Contra Revolução de 1964**, projetos apoiados e estimulados pelo hoje acadêmico General Gleuber Vieira. E com esta sessão a Academia de História Militar Terrestre do Brasil procurou demonstrar o que tem realizado efetivamente para ajudar o Exército a conquistar seu Objetivo Atual nº 1:

*Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a memória histórica, as tradições e os valores morais, culturais e históricos do Exército.*

Objetivo a nosso ver providencial e oportuno se bem estendido, prestigiado e implementado, com vistas a anular no seio do Exército a estratégia denominada Gramscismo que aos poucos sutilmente envolve e confunde a Sociedade Brasileira. E hoje nossa Academia tem a consciência de haver avançado muito neste particular, o que comprovam os seus arquivos, trabalhos realizados por seus membros espalhados por todo o Brasil, a divulgação de seus trabalhos em seu site e no site *Militar*, tendo como seus web designer dois oficiais da Marinha especialistas em Informática, seus membros colaboradores eméritos, e ainda, em Resende, no link Caserna do site Portal Agulhas Negras.

E tudo isto nos dá hoje uma agradável sensação de vitória ao lembramos que a História Cultural do Exército já registrou a criação do Instituto Histórico Duque de Caxias que não ultrapassou a sua sessão de criação e desapareceu.

Caso a Academia de História Militar Terrestre do Brasil tivesse hoje que encerrar suas atividades principalmente por falta de apoio financeiro, e mais por falta de vontade cultural de seus membros e apoio moral das instituições em cujo proveito julga que trabalha, ela deixaria um precioso acervo documental e bibliográfico sobre suas realizações e em especial na Internet. Acervo onde se destacam a documentação encadernada de posses, diversos números de seu modesto mas guerreiro Informativo **O Guararapes**, valioso arquivo biográfico, a História do Exército na Região Sul, já com 9 volumes editados e 2 encaminhados, os compêndios de Lutas Internas e Externas para a ECEME e mais o de História Militar Terrestre da Amazônia, pronto para ser editado. E também grande parte de seu acervo em CDs. Para breve prevê a reedição da obra **As batalhas dos Guararapes, análise e descrição militar**.

Mas instituições como a nossa Academia, de despesas certas e rendas incertas necessitam de recursos financeiros. Ela provou ser uma boa idéia. E Napoleão costumava dizer que o sucesso de qualquer empreendimento depende de quatro condições: 1ª) uma boa idéia; 2ª) de dinheiro; 3ª) de dinheiro; e 4ª) de dinheiro.

Tem sido comum a falta de recursos, a incompreensão de parte de alguns raros companheiros que julgam não ser o trabalho da Academia de importância e que não a prestigiam, e até não a visitam, parecendo considerar a nossa História Militar como um casaco velho sem serventia e para ser jogado no lixo. Ou que ao se olhar para trás, para o passado, corre-se o perigo de acontecer como em Sodoma e Gomorra: o virar-se estátua de sal.

Outros, por não terem tomado contato com a História Militar Crítica quando estudantes e sim com a História Militar Descritiva que não os levava a lugar nenhum, modalidades que foram assim exemplificadas por Frederico o Grande, grande general, cujo estudo de suas batalhas integraram o currículo de História da Real Academia Militar, ao tempo em que ali estudou o Duque de Caxias. E assim falou indignado Frederico o Grande, ao assistir uma péssima aula de um professor de História Militar de seu filho:

*“Não ensine História Militar a meu filho como se ensina a um papagaio, fazendo ele decorar datas, nomes e trechos. Faça meu filho raciocinar e tirar conclusões e lições do que lhe ensina”.*

Este é o espírito do ensino da História Militar Crítica que foi introduzido na AMAN quando seu instrutor de História Militar foi o mais tarde General Álvaro Cardoso e continuado com vigor por nosso hoje patrono de cadeira na AHIMTB, Cel Francisco Ruas Santos e pelos que o sucederam até a modernização do ensino, onde nos incluímos e o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, nosso dinâmico Delegado aqui no Rio Grande do Sul.

Por oportuno, vale lembrar aos presentes esta imagem: O passado é uma enorme planície onde correm dois rios. Um reto e de margens bem definidas que é o rio da **História**. Esta, fruto da razão e da análise isenta de fontes históricas autênticas, fidedignas e íntegras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos. O outro é um rio cheio de curvas e meandros, de margens indefinidas e por vezes com perigosos alagamentos. Este é o rio do **Mito**. Este, fruto das paixões humanas, das fantasias, da ignorância, das manipulações, das deformações, dos preconceitos e da injustiça, etc.

E, infelizmente predominante entre nós. Esta é uma importante lição para os jovens que nos assistem para que saibam exercer o seu espírito crítico para sempre distinguir a **História** do **Mito**.

O Brasil acabou de assistir a excelente novela A Casa das sete mulheres onde registro, foram cruelmente linchados moralmente e satanizadas as imagens de dois grandes soldados brasileiros, os generais Bento Manoel Ribeiro e David Canabarro aos quais o Brasil muito está a dever na preservação de sua Integridade, Soberania e Unidade do Rio Grande do Sul.

E creio que foi essa a idéia guardada pelos jovens militares desavisados da imagem manipulada daqueles dois heróis, os quais abordei em meu livro **O Exército farrapo e seus chefes**, editado em 1991 pela Biblioteca do Exército e que colocado à disposição da direção da Minisérie minimizou certos exageros principalmente no capítulo final em relação a Caxias e Canabarro, além de incluir os bravos lanceiros negros farrapos, cuja presença heróica enfatizamos na obra **A Grande Festa dos Lanceiros**, que lançamos em 1971, alusiva à inauguração do Parque Histórico Osório em Tramandaí.

A História Militar Terrestre tem sido tradicionalmente, no mundo, uma atividade nobre para soldados inativos e uma maneira de continuarem a contribuir para o progresso da instituição, com a experiência que adquiriram. Aliás, prática esquecida entre nós, o que sugere análise profunda pela estreita ligação da História Militar com o desenvolvimento de uma Doutrina Militar.

E neste objetivo vem se aplicando a nossa Academia num toque de reunir soldados inativos e ativos e civis interessados em delegacias espalhadas pelo Brasil.

Dentre os objetivos que a Academia persegue registre-se o de resgatar, preservar e divulgar as obras de historiadores militares terrestres e com elas, expressivamente, a História Militar Terrestre do Brasil, indiscutivelmente o Laboratório da Tática, da Logística e da Estratégia terrestres brasileiras.

Aqui vale lembrar o Marechal Ferdinand Foch que saiu da cadeira de História Militar da Escola Superior de Guerra para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial e sob cujo comando lutaram 24 oficiais de nosso Exército, inclusive o então Ten de Cavalaria José Pessoa, patrono da Delegacia de Brasília e futuro idealizador da AMAN, o qual, como seu comandante, dinamizou o ensino de História Militar e introduziu o de Geografia Militar, como a Geografia do Soldado, a serviço do maior esclarecimento nos mais diversos escalões do fator da decisão militar - o TERRENO.

Falou o marechal Foch:

*“Para alimentar o cérebro (entenda-se Comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a indesejável eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar”.*

Esperamos que a abordagem deste assunto, contribua para solidificar nos presentes a perspectiva e identidade histórica das especialidades escolhidas do Brasil e de suas forças terrestres. Isto para que, em melhores condições, possam vir a contribuir para o desenvolvimento do Brasil e para a liderança das Forças Terrestres no início do insondável 3º Milênio. E também, tentar despertar vocações adormecidas de historiadores militares terrestres brasileiros, categoria que se acha em fase de extinção, por razões várias, e em especial por invasões indébitas de sua função social por de formadores da

História Militar com os mais variados e até inconfessáveis fins. Constatar é obra de simples verificação e raciocínio!

A História, por seu poder de solidificar o patriotismo, o civismo, a auto estima de um povo e a identidade e perspectiva históricas do mesmo, vem sendo atacada por expressiva parte da Mídia pela estratégia do **Silêncio** alternada com a estratégia da **Deformação**, e por duas forças poderosas convergentes: o Gramscismo e o Poder Econômico Mundial que domina o Mercado Mundial, uma variante em nossos dias do Bezerra de Ouro da Bíblia.

Silêncios e Deformações a que se atribui indiferença pelo assunto História Militar e do Exército, pelos que tem o dever de preservar, pesquisar, cultivar e divulgar a História, as Tradições e os valores morais, cultura is, profissionais e históricos do Exército, minados pelos silêncios e deformações.

Cabe pois aos que nos ouvem, futuros líderes civis e do Exército, saber distinguir como foi assinalado a **História do Mito**. Deste hoje tem sido vítimas preferidas as nossas Forças Armadas e Auxiliares de parte de agentes da Mídia em especial.

Mas as falsidades e deformações de nossa História continuam produzindo seus efeitos como se verdadeiras, no seio da juventude que não teve contato com as Forças Armadas. Disto resulta uma desorientação de parcela desta juventude que se entrega à prática de valores que confrontam e mesmo agridem os enumerados pela Sociedade Brasileira na Carta Magna. Fato diagnosticado por alguns analistas como falta de Religião e de História e do que decorre a falta de identidade e de perspectiva históricas. E nisto vem a Academia se aplicando em esclarecer manipulações que distorcem e comprometem a verdadeira imagem das forças terrestres com calúnias, deformações e manipulações que circulam com foros de pretensa História. Ou seja, não se limita a AHMTB à indignação pura e simples. Parte como ONG para o debate defendendo a sua verdade!

Na peça de Júlio Cezar de Shakespeare, Marco Antônio diz a certa altura a Brutus: *“As boas obras que os homens praticam são sepultadas com os seus ossos. No entanto só o mal sobrevive.”*

Outro papel da Academia tem sido o de desenterrar junto às obras dos historiadores militares terrestres brasileiros, civis e militares e com elas, por via de consequência, o valioso patrimônio cultural militar terrestre brasileiro acumulado em quase cinco séculos de lutas e vigílias por várias gerações de militares de terra, os quais foram, em grande parte, responsáveis pelo delineamento, exploração, conquista, segurança e manutenção de um Brasil Continente que cabe às atuais e futuras gerações preservar e defender. E às gerações do 3º Milênio caberá responder aos graves desafios reservados à soberania do Brasil na sua Amazônia. E nesta defesa a Academia se engajou ao preparar para edição este ano da obra **Amazônia Brasileira - A conquista, consolidação e manutenção–História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003**.

Especial atenção tem dado a Academia ao resgate e culto das memórias de soldados terrestres que no curso do processo histórico brasileiro deram suas vidas em holocausto à pátria brasileira, os quais, segundo Péricles, que viveu em Atenas, cujo século V antes de Cristo levou o seu nome, por haver se constituído no apogeu da civilização grega e com ela a da Democracia, que ele ajudou a construir como chefe de Estado e estrategista por 14 anos:

*“Aquele que morre por sua pátria, serve-a mais em um só dia que os outros em toda a vida.”*

Agradecemos a presença de todos quantos prestigiaram com suas presenças este encontro de gerações de jovens alunos, futuras lideranças civis e do Exército, com historiadores civis e militares e soldados terrestres da Guarnição de Porto Alegre. Foi uma renovada emoção a AHIMTB iniciar em seu âmbito aqui em Porto Alegre no carismático Casarão da Várzea, onde estudamos em 1951/52 e cuja história a AHIMTB está desenvolvendo, as comemorações do Bicentenário do Duque de Caxias e aqui entregar, a seguir, a seus patrocinadores em Porto Alegre o livro Caxias e a Unidade Nacional. E depois desta sessão, no coquetel a ser servido, os autografar a interessados que o adquirir, bem como a obra **2002–Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário**, ambos de cunho profissional militar, além de outros, um deles como um revelador do Espírito Militar e pioneirismo na Educação Cívica do maior escritor regionalista brasileiro Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto e a História da Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército. Atualizando também os últimos comandantes do CMS e 3ª RM e fazendo justiça a um dos mais injustiçados soldados do Brasil o Marechal Gastão d’Orleans, o

Conde D'Eu. Agradecimentos a todos que prestigiaram com suas honrosas presenças esta histórica sessão. Agradecimentos especiais ao Comandante do CMPA, Ten Cel Cabrita meu ex-aluno de História como cadete, à sua dedicada equipe, aos oficiais que serviram de porta vozes e nos auxiliaram na condução desta seção. E finalizando, em tributo à Disciplina e a Hierarquia, sustentáculo constitucional do ordenamento jurídico brasileiro, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil convida para encerrar a sessão, como a maior autoridade hierárquica presente e presidente de Honra desta sessão o Gen Ex Décio Barbosa Machado.

### **COMENTÁRIOS GERAIS**

Cerca de 200 pessoas estiveram presentes ao lançamento dos livros, entre civis e militares. Entidades ligadas à Cultura, como o Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL) e o MTG também se fizeram presentes. Os convidados foram brindados com um coquetel acompanhado de refrigerantes e vinho. A noite foi desfavorável, devido à forte chuva. Alguns convidados não compareceram com receio de terem dificuldade de retornarem às suas residências em consequência dos alagamentos de ruas em Porto Alegre. As vendas de livros alcançaram o total de 1600 reais. O livro mais vendido foi Caxias e a Unidade Nacional. Até às 2300 h ainda haviam pessoas confraternizando no Salão Brasil, ou seja, o lançamento dos livros serviu também como uma atividade social. Quarenta e duas pessoas assinaram o livro de presença. As demais não atenderam o alerta para o registro de presenças.

### **FUNDAÇÃO DA ACADEMIA PIRATINIENSE DE HISTÓRIA**

Dia 6 de julho de 2003, no contexto da comemorações do 214 anos da fundação de Piratini, a convite de um grupo daquela comunidade, o Cel Cláudio Moreira Bento, na condição de Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História e Tradições do **Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul O Gaúcho, nº 20 - julho de 2003 13** Rio Grande do Sul e da Academia Canguçuense de História, fundou a Academia Piratiniense de História, como Presidente Fundador e instalador da mesma. A citada Academia tem como patrono o Comendador Manoel José Gomes de Freitas e como patronos de cadeiras, entre outros, os generais Bento Gonçalves da Silva e Antônio de Souza Netto, o Major Bernardo Pires e Luiz Carlos Barbosa Lessa. O ato de fundação teve lugar na sede do CTG 20 de Setembro.

Pela AHIMTB/IHTRGS:

Cláudio Moreira Bento

Luiz Ernani Caminha Giorgis

Flávio de Oliveira Camargo